

QUASE DE VERDADE: Literatura e Poesia¹

Joranaide Alves Ramos

Graduada em Letras, com Habilitação Português e Inglês pela Faculdade Sete de Setembro – FASETE, professora do Colégio Sete de Setembro (Paulo Afonso – BA).

RESUMO

Este estudo pretende trazer algumas reflexões sobre o texto literário no sentido de fazer compreender suas diferenças de outros textos. Observa-se assim com a ajuda da teoria que fatores possibilitam a assimilação de um texto como literário no que condiz a literatura arte enfocando especialmente a linguagem poética. Assim inicia-se o texto com os conceitos a respeito da literatura e em seguida trataremos de analisar alguns poemas trazendo como corpus de observação a poesia de Acenso Ferreira.

Palavras-chave: Linguagem literária. Poesia. Acenso Ferreira.

ABSTRACT

This study intends to make some reflections about the literary text and It aims to understand its differences from the other kind of texts. Thus it observes, with theory helps, which factors make readers assimilate a text as literary considering literature and arts focusing, in a special way the poetic language. There by this article, at first, shows some literature conceptions and after it analyses some Acenso Ferreira poems.

Key-words: Literary language. Poetry. Acenso Ferreira.

INTRODUÇÃO

Frequentemente tende-se a considerar a obra literária como algo que existe acima de qualquer condição, que existe por si e em si e que atua sobre os homens como uma força que dispensa explicações. Este pensamento visa “descansar” sob a idéia da virtude criadora, como disse Antônio Cândido (2006), da qual o escritor é dotado intimamente. E mesmo depois de uma análise, esta idéia permanece, apoiando-se no pressuposto de que o poeta ou escritor, de uma forma geral, “é uma escada para o céu”, uma vez que seria frustrante traçar limites a estas mentes. Isto quer dizer que um escritor inserido em uma sociedade, não é somente um indivíduo capaz de exprimir sua originalidade, mas alguém que desempenha um papel social e que corresponde às expectativas dos leitores com um diálogo vivo, ou seja, o texto não para ou finda quando o autor termina a escrita, o texto continua, permitindo um entrelaçamento de idéias entre leitor e autor, pois cabe àquele captar os significados ou criar novos para o que está por trás do pensamento deste.

Diante de tais perspectivas esse estudo traz uma reflexão sobre o fazer literário no que condiz a construção de fatores que fazem um texto literário. Para aferição da proposta busca-se vários olhares de estudiosos que através de conceitos nos deixarão mais próximos da literatura no que concerne a sua compreensão enquanto texto estético, artístico e o que a difere de outros textos tanto em prosa quanto em verso. Para relacionar o contexto teórico e a poesia fazemos análises de alguns poemas de Acenso Ferreira.

¹ Trabalho adaptado da monografia de conclusão de curso intitulada “A face pernambucano-nordestina do Modernismo Brasileiro em Acenso Ferreira, pela FASETE e orientada pelo professor Msc. Sávio Roberto F. de Freitas

1 CONCEITUANDO A LITERATURA

Esse trabalho trata do fenômeno literário, que é uma, subjetiva e, portanto, complexa. Por isso, desde o século passado até os dias atuais, críticos, filósofos, sociólogos e historiadores vêm tentando conceituar “Literatura”. Isto mesmo, conceituar e não definir, uma vez que, segundo (MOISÉS, 2000) a definição demarcaria a extensão do seu significado e o campo literário é demasiadamente vasto para ter limites decretados.

Casualmente, o que vem empecendo estudos deste caráter é uma referência coerente com os exames já realizados, para assim, fugir ao máximo e escapar dos “pontos de vistas”. Investigações nesta área já eram realizadas por Platão e Aristóteles, valendo ressaltar aqui a conclusão a qual chegou este: a literatura é a mimese, ou seja, a imitação do real. Entretanto, é importante ressaltar que nesta época somente a poesia existia; a prosa literária só nasceria tempos mais tarde.

Seguindo os vestígios da concepção aristotélica que vigorou até meados do século XVIII, Alfonso Reyes apud Moisés (2000, p.26), encontra três significados para o vocábulo “mimese”:

1º) significado vulgar, em que “mimese” “se reduz à reprodução do objeto exterior, ao retratismo”, 2º) em que filósofo “imita o método da criação divina, imita o processo do suceder”, 3º) que se refere “à expressão, por meio da arte, do tipo que o artista tem na alma”.

Muitos outros críticos levaram os seus estudos adiante na mesma área, obtendo o direito de concordar ou não com o resultado acima, como é o caso de Moisés (2000, p. 26), que admite a terceira significação, “porquanto ali declaram duas categorias-chave: “expressão” e “ficção””. Neste contexto, permanece a poesia, mas é necessário inserir também a prosa literária, lembrando que imitação não é sinônimo de cópia, mas de recriação à semelhança de “algo”, assim já afirmou Moisés (2000, p. 26): “o poeta cria, com seus meios próprios (a linguagem verbal), um mundo a imagem e semelhança do Universo, cria caracteres, afetos e paixões, como se fossem reais, pois não podem ser reais, visto que as inventa ou as exprime vocabularmente”. Convém lembrar que, o pintor também imita algo ao colorir suas telas. Daí cabe ao escritor e ao pintor imitar segundo o objeto imitado realmente é ou lhe atribuir características para atingir o seu ideal. No caso da Poesia, o que não pode é o poeta querer apreender o impossível, pois, segundo Aristóteles (2005, p.89):

Se o poema contém impossibilidades, há falta; no entanto, isso nada quer dizer, se o fim próprio da arte foi alcançado. Contudo se o fim podia ser alcançado melhor ou tão bem, respeitando a verdade, a falta é indesculpável, pois tanto quanto possível dever-se-ia evitar qualquer falta.

Os anos se passaram da época de Aristóteles até os dias de hoje, e muitos críticos, tentando desvendar ainda o mistério acerca do conceito da “literatura”, deram continuidade aos seus estudos. Entre eles, Charles Du Bos e Raul Castagnino. apud Moisés (2000, p. 26). Para o primeiro,

a Literatura conecta-se com a Alma, a Luz, a Beleza, “é o pensamento acedendo à beleza na luz”, “é encarnação, que não se pode reproduzir senão por intermédio da carne viva das palavras”, de onde “subsistir apenas a expressão no final do processo, expressão pela qual cada palavra é um ato e é a identidade entre a palavra e o ato que faz acender ao intemporal.

Já para o outro,

a arte literária caracteriza-se por um “sinfonismo” (“coincidência espiritual de estilo, de módulo vital, entre o homem de uma época e os de todas as épocas, dos próximos ou os dispersos no tempo e no espaço”), por sua função lúdica, por ser evasão, por ser compromisso, por traduzir ânsia de imortalidade.

Há, entretanto, uma grande proximidade entre os conceitos acima. Ambos levam em consideração a função lúdica das palavras, porém a semelhança não para por aqui. Enquanto o Charles Du Bos aborda o aspecto “intemporal”, Raul Castagnino traz a “imortalidade”. Refletindo rapidamente, têm-se: Obra intemporal, obra imortal.

Mesmo com estes conceitos já apresentados, não é conveniente esquecer de Fidelino de Figueiredo apud Moisés (2000, p. 27):

A arte literária é, verdadeiramente, a ficção, a criação duma supra-realidade com os dados profundos, singulares e pessoais da intuição do artista”. No entanto, este conceito, segundo Moisés (2000), acaba sofrendo “abalo”, devido ao uso do termo “intuição” que não apresenta um limite definido, nem delimitação artística, bem como, o uso da expressão “supra-realidade” que “poderia ser substituída com vantagem por “para-realidade”, visto que o mundo ficcional não está “acima” senão “ao lado”, paralelo da realidade ambiente [...]”.

A propósito, a literatura corresponde a determinadas necessidades de representação da sociedade. Segundo Perrone-Moisés (2006, p. 102), “a literatura parte de um real que pretende dizer, falha sempre ao dizê-lo, mas ao falhar diz outra coisa, desvenda um mundo mais real do aquele que pretendia dizer”. Claramente, a autora não quis dizer que a literatura repara as falhas da realidade, a não ser que os escritores não passassem de sonhadores. A Literatura existe para, entre outras funções, mostrar o que falta aos seres humanos e ao mundo para a formação de um ambiente mais satisfatório. Parece contraditório, mas se o homem estiver sempre satisfeito, não precisará buscar melhoras. Tem-se, então, uma realidade que retrata outra que para tanto, precisa existir. Porém, aquela não é totalmente dependente desta. Trata-se de um processo que reflete dissimuladamente a real realidade por meio de palavras finamente escolhidas, que nem sempre nomeiam algo e que, no fim, são sinônimos de emoção.

Deste modo, percebe-se que a realidade e a para-realidade estão bem próximas, permitindo o entrelaçamento de idéias entre leitor e autor, já sugerido. Àquele, não lhe cabe a tarefa de somente decodificar os signos impressos, mas captar os significados ou criar novos para que se observe o que está por trás do pensamento deste, agindo sobre a obra literária de modo a modificá-la e/ou decifrá-la. Infelizmente, em alguns casos, o leitor somente aceita, quando deveria aproveitar para dar sua contribuição viva a literatura que também é um sistema vivo, considerando também que, esta é a única forma de arte que permite ao leitor não ser somente expectador, ao passo que o mesmo pode interagir e efetuar modificações do seu agrado. Em suma, é a fantasia e colaboração do leitor que mantêm a obra viva.

Cabe aqui, expor o conceito proposto por Thomas Clark Pollock apud Moisés (2000, p. 28): “Literatura consiste na expressão de uma experiência do escritor através do enunciado de uma série de símbolos capazes de evocar na mente do leitor adequadamente qualificado uma experiência controlada, análoga, embora não idêntica a do escritor”. De fato, os símbolos realmente existem, mas a experiência que o leitor abstrai nem sempre é semelhante a do escritor e também não deve ser controlada, uma vez que a Literatura é viva e permite a atuação do leitor sobre ela. Um texto, se lido dez vezes pelo mesmo indivíduo, pode adquirir dez interpretações distintas e, às vezes, na última leitura, suscitar dúvidas antes não sentidas.

Já que se falou em símbolos que, por sua natureza, remetem a idéia de linguagem, é conveniente lembrar a consideração de paralelo da realidade ambiente, com ela realizando um permanente intercintuíço no entendimento.” Pound (2006, p. 32): “Literatura é linguagem carregada de significados”, porém antes de se debruçar para entender este, com todas as informações já fornecidas, é interessante analisar outro conceito de literatura. Desta vez à luz das idéias de Moisés (2000, p. 20): “O vocábulo “literatura” provém do latim litteratura (m), que por sua vez deriva de littera, ae e significa o ensino das primeiras letras. Com o tempo, a palavra ganhou sentido de arte das belas letras ou arte literária”.

A partir deste conceito, percebe-se a Literatura como submissa da escrita, uma vez que também só é possível falar em Literatura quando se tem documentos impressos para que o leitor e o crítico possam fazer o seu trabalho. Depois de escrito, o texto pode ser manifestado oralmente, mas se tratar apenas de uma produção oral, de acordo com as considerações ainda de Moisés (2000), a obra ainda “não constitui arte literária, a não ser “embrionária ou virtualmente, pertence mais ao Folclore², a Antropologia, etc. que aos estudos literários. Já para Cascudo (2006, p. 26-27), a Literatura Oral³: “é poderosa e vasta. Compreende um público como não sonha a vaidade dos nossos escritores. O desnorteante é que ninguém guarda o nome do autor. Só o enredo, interesse, assunto, ação, enfim, a gesta...”.

Logo, têm-se as palavras como instrumento expressivo da Literatura, assim como o som que remete à música, à cor à pintura, o volume à escultura que, assim como a Literatura, também são formas de arte, capazes de colocar o leitor/expectador em contato com as experiências vividas por outros homens, mas sem precisar vivê-las. Contudo, a palavra não é um instrumento exclusivo da Literatura. Porém, é clara a diferença do modo como é utilizada a escrita nas Ciências e na “literatura”. Enquanto aquela utiliza o sentido denotativo, a linguagem literária evidencia-se pelo uso da metáfora, linguagem conotativa e, portanto, pela subjetividade. No entanto, esta virá em maior ou menor grau em se tratando de poesia ou prosa, respectivamente. Verificando por este prisma, pode-se afirmar que a literatura é ficção, ao passo que faz uso de metáfora e esta se apropria da significação natural das palavras, substituindo-a por outro sentido.

A linguagem literária está associada ao simbolismo fônico, à esfera da representação e pode não estar ligada ao mundo real, ou seja, a Literatura por sua natureza apresenta um conhecimento linguístico diferente dos demais apresentados pela linguística “não literária”. Com outros termos, “Literatura é a expressão dos conteúdos da ficção, ou da imaginação, por meio de palavras de sentido múltiplo e pessoal” (MOISÉS, 2000, p.38), o que afirma que textos científicos ou religiosos não são literários, uma vez que não atende aos requisitos da ficção e particularidades do ponto de vista do autor.

E por falar em imaginação, vale salientar que esta, para Coleridge apud Moisés (2000, p.38), “é a condição primeira de todo o conhecimento”, mas associada à dissimulação e à criação, constituem importantes artifícios que, por sua vez, são inerentes à natureza literária. Então, por que não aproveitar-se disso para remontar a realidade? Ficção e todos estes “apetrechos” formam uma importante combinação para a Literatura. Porém, para que a combinação ganhe vida no papel, é necessário, além de tudo isto, a utilização da linguagem densa e artística, esteticamente elaborada.

Em outros termos, é necessário o uso da palavra, o meio mais eficaz de comunicação entre os humanos e de aplicação exclusiva da literatura, ratificando o que foi escrito anteriormente, uma vez que, estas até podem ser aplicadas por diferentes meios de comunicação, mas em se tratando de Arte, a Literatura é a única que as emprega como meio de expressão e uma vez que são polivalentes, aqui podem exprimir tudo, até mesmo o som, a cor e a coreografia expostos pela música, pintura e escultura, respectivamente.

Por exemplo, uma tela jamais permitirá que seu apreciador caminhe sertão adentro como João Guimarães Rosa permitiu, oferecendo de companhia Riobaldo e Diadorim, assim como nenhuma pintura permitirá que um sujeito “Vá embora pra Catende”, no balanço e ritmo dos trilhos de Ascenso Ferreira. Mas na literatura isso se torna tão verdadeiro que, chegam a dizer por aí que “livros são asas para a imaginação”, mas esta é

² Segundo Luís da Câmara Cascudo (2006), a literatura folclórica é totalmente popular, porém nem toda a produção popular chega a ser folclórica.

³ De acordo com o mesmo estudioso (2006:22): “Todos os autos populares, danças dramáticas, as jornadas dos pastores, as louvações das lapinhas, Cheganças, Bumba-meu-boi, Fandango, Congos, o mundo sonoro e policolor dos reisados, aglutinando saldos de outras representações apagadas na memória coletiva, resistindo numa figura, num verso, num desenho coreográfico, são os elementos vivos da Literatura Oral”.

uma afirmação indagável, afinal não é qualquer livro que brinda o leitor com tais asas. Literatura sim permite esta viagem. Uma grande obra não tem limites, não está presa a nenhum momento ou lugar, foge das linhas do tempo e a relação com o leitor será plena em qualquer momento. Para confirmar isto, é só recorrer ao conceito de Castagnino, em linhas anteriores.

Contudo, é válido ressaltar que a literatura embora recorra à imaginação, à ficção, ela não existe no meio do “nada”, no vazio absoluto. Neste contexto, o conceito de literatura é colocado por Cândido apud Rama (200, p. 64) como:

um sistema de obras ligadas por denominadores comuns, que permitem reconhecer as notas dominantes de uma fase. Esses denominadores são, à parte as características internas (língua, temas, imagens), certos elementos de natureza social e psíquica, embora literariamente organizados, que se manifestam historicamente e fazem da literatura um aspecto orgânico da civilização. Entre eles se distinguem: a existência de um conjunto de produtores literários, mais ou menos conscientes de seu papel; um conjunto de receptores, formando os diferentes tipos de público, sem os quais a obra não vive; um mecanismo transmissor (de modo geral, uma linguagem traduzida em estilos), que liga uns aos outros. O conjunto dos três elementos dá lugar a um tipo de comunicação inter-humana, a literatura, que parece, sob este ângulo, como um sistema simbólico, por meio do qual as veledades mais profundas do indivíduo se transformam em elementos de contato entre os homens, e de interpretação das diferentes esferas da realidade.

Porventura, este conceito acaba resumindo o que já foi dito. A literatura constitui uma nova organização do mundo, mas uma reorganização artística, através do mundo fictício que o escritor cria, o que constitui o eixo principal da obra através da prosa e/ou poesia. Mas as atenções aqui estão voltadas para a poesia que, segundo Pound (2006, p. 40) “é a mais condensada forma de expressão verbal” e que tem seu significado lá no Grego “poiesis, de poiein: criar, no sentido de imaginar”. Já segundo Moisés “Os Latinos chamavam a poesia de oratio vincta: linguagem travada, ligada por regras de versificação, em oposição a oratio prorsa: linguagem direta e livre.” (2000, p. 81).

Com isto, é fácil inferir que a distinção entre prosa e poesia rendeu uma nova problemática na Antiguidade, mas que interessa até os dias atuais. Habitualmente, difere-se prosa e poesia pela característica, desta apresentar-se em verso e a outra não, como se a diferença maior residisse na estrutura. Sorte grande para todos os interessados no assunto, contar com as análises de Aristóteles que, por sua vez, tinha considerações mais aguçadas em relação à poesia, considerações estas que acabam por diferenci-la tanto da prosa como também da historiografia. Hoje as diferenças são claras. Segundo este filósofo (2005, p. 43):

não compete ao poeta narrar exatamente o que aconteceu; mas sim o que poderia ter acontecido, o possível, segundo a verossimilhança, ou a necessidade. O historiador e o poeta não se distinguem um do outro, pelo fato de o primeiro escrever em prosa e o segundo em verso. Diferem entre si, porque um escreveu o que aconteceu e o outro o que poderia ter acontecido. Por tal motivo a poesia é mais filosófica e de caráter mais elevado que a história, porque a poesia permanece no universal e a história estuda apenas o particular.

Entende-se então por “universal” aquilo que um homem, por exemplo, faz e que o poeta leva para a sua obra, de acordo com a sua necessidade, visto que o poeta não precisa seguir “à risca” a verdade dos acontecimentos. A verdadeira narração cabe aos historiadores. Aqui, Aristóteles considera a historiografia e não a prosa literária, uma vez que esta ainda não existia em seu tempo.

As dúvidas, porém, não foram sanadas aqui. Os estudos foram e são levados adiante. Porém, a cada descoberta, uma controvérsia. Entre tantos conceitos, um realizado por estudiosos germânicos acaba chamando a atenção apud Moisés (2000, p. 82): “a poesia seria o núcleo residual e essente de toda a manifestação artística”. Assim, a Música, a Escultura, a Arquitetura e a Dança que também são manifestações de cunho artístico, usufruíam em sua essência da poesia. Ou seja, a poesia pode estar

presente em outras manifestações artísticas, como em algumas músicas e/ou pinturas, uma vez que estas convidam o leitor-ouvinte para uma releitura, ao passo que é possível realizar mais de uma interpretação. Deste modo, pode-se compreender a Poesia como um segredo que quer ser revelado. O verdadeiro leitor ao mergulhar neste universo, procura desvendar todo o oculto existente, mas isso jamais será possível, pois se fosse, a obra deixaria de existir, perderia seu aspecto atemporal/imortal. E por falar em “atemporal”, Poesia é, segundo Paz (1993, p. 140):

(...) a outra voz. Sua voz é outra porque é a voz das paixões e das visões; é de outro mundo e é deste mundo, é antiga e é de hoje mesmo, antiguidade sem datas. Poesia herética e cismática, poesia inocente e perversa, límpida e viscosa, aérea e subterrânea, poesia da capela e do bar da esquina, poesia ao alcance da mão e sempre de um mais além que está aqui mesmo. (...)

Este conceito faz lembrar os já expostos de autorias de Charles Du Bos e Raul Castagnino. Anteriormente, falou-se do aspecto intemporal da literatura. Aqui também, porém, de forma mais precisa, destacando-se a Poesia = *antiguidade sem datas*, com um acréscimo – o paradoxo ((...) poesia inocente e perversa (...)), muitas vezes comum no corpo de um texto neste gênero.

Ao criar, o poeta leva em consideração o modo como ele vê o mundo e a si, é por isto que, a poesia tem como objeto principal, o “eu” do poeta, motivo pelo qual, têm-se uma linguagem tão particular e, portanto, subjetiva. Sendo assim, mesmo que o poeta descreva o mundo real, a descrição não precisa ser verdadeira, ao passo que ele leva para a sua obra o que de fato lhe é interessante, como já foi abordado, como se o “eu” estivesse “à procura da própria imagem, refletida na superfície do mundo físico (real).

Percebe-se assim que tudo se passa como se o poeta apenas estivesse concentrado nos seres e coisas que fossem a emissão do próprio “eu”. Diante disso, podemos assentar que a “poesia é a comunicação, a expressão do eu” (MOISÉS, 2000, p. 84). Esta comunicação ocorre por meio de uma linguagem própria, de sentido conotativo, que não se submete às leis gramaticais, mas às ordenações métricas e rítmicas que, fará sentido somente para os “entendidos” do assunto. Em outros termos (MOISÉS, 2000, p. 87) afirma que: "A palavra poética pode reduzir-se a seus componentes primários (os sons), a suas relações sinestésicas (a cor, oníricas, delirantes, extravagantes, etc.) ou pode, concomitantemente ou não com essas reduções, ganhar “precisão”, próxima da linguagem filosófica."

Isto porque a linguagem filosófica aborda um determinado universo e, para tanto, requer uma linguagem especial, mas, por outro lado, “procura usar signos univalentes” (MOISÉS, 2000, p.31).

Por falar em leis rítmicas, é na poesia que se pode encontrar o “ritmo”, mais uma característica que lhe faz diferente das demais manifestações artísticas e, como o “ritmo” faz parte da vida do ser humano, seja ele de trabalho, de estudo e, mais claramente sentido na música, ele é facilmente percebido na poesia. Porém, em se tratando de ritmo sonoro, somente a música e a literatura possuem as substâncias necessárias para tal. Para exemplificar, um trecho de “Trem de Alagoas” de Ascenso Ferreira (1995:116):

O sino bate,
o condutor apita o apito,
solta o trem de ferro um grito,
põe-se logo a caminhar...

Mesmo que lido silenciosamente, o ritmo será percebido e, um leitor mais cuidadoso, absorverá ainda mais significados do texto, por sua marcação rítmica, afinal, a poesia quando entendida além da forma exterior, é tão real quanto às pessoas e o mundo exterior, bem como, um sonho que finda ao abrir os olhos. A harmonia

“entre ritmo, metro e verso, através dos quais o “eu” poético se expressa em seu conteúdo e em seu intrínseco ritmo, dá-se o nome de poema” (MOISÉS, 2000, p.88).

De acordo ainda com Moisés (2000, p.129):

Originário da mesma raiz de “poesia” – poieín (fazer) - , o vocábulo “poema” tem sido empregado histórica e universalmente para designar o texto em que o fenômeno poético se realiza. De forma que, por tradição, um vocábulo lembra o outro: sempre que falamos em poesia, pensamos em poema, e sempre que nos referimos ao poema subentendemos a poesia.

É por isso que, erroneamente, na Literatura, as pessoas tendem a caracterizar a poesia pelo uso do verso e a prosa pelo não uso. Para desfazer o mal entendido, basta verificar, por exemplo, este trecho de Grande Sertão: Veredas de João Guimarães Rosa (2001:66):

(...) De Diadorim, aí jaz que descansando do meu lado, assim ouvi: - “Pois dorme, Riobaldo, tudo há-de resultar bem...” Antes palavras que picaram em mim uma gastura cansada; mas a voz dele era o tanto-tanto para o embalo de meu corpo. Noite essa, astúcia que tive uma sonhice: Diadorim passando por debaixo de um arco-íris. Ah, eu pudesse mesmo gostar dele – os gostares...

Embora, trate-se de um texto em prosa, a poeticidade está presente em todo o discurso do trecho, bem como, um novo léxico associado a sentidos polivalentes, o que não tirou a essência do texto: prosa. O mesmo acontece com os versos de Ascenso Ferreira: “O sino bate, o condutor apita o apito, solta o trem de ferro um grito, põe-se logo a caminhar...”, que, mesmo com a estrutura redefinida, ele permanece “poema”. Logo, tem-se, um “poema em prosa” e uma “prosa poética”, como disse Goldstein (2006, p. 64).

A propósito, o poema comunicará (poesia é comunicação) ao leitor a poesia que há no poeta, ou seja, em seu “eu”, que se expressa por meio do “eu - lírico”. Desta consideração, infere-se que, à medida que o poeta distingue-se do cidadão comum ou mesmo do historiador, a voz do poema é a voz do poeta, o que vem a confirmar “a poesia é a expressão do eu” e a sua obra sempre satisfará as necessidades do seu “eu”.

Até agora falou-se em vários conceitos de Literatura e Poesia defendidos por vários estudiosos que, como é percebido, podem até ser semelhantes, mas não são, de todo, iguais. O mesmo acontece com os poetas, ao passo que cada um tem o seu conceito, do que é, de fato, Literatura e Poesia. Vale a pena, então, conhecer um pouco mais de Ascenso Ferreira.

2 ENCANTOS E AMAVIOS⁴: A Palavra Sedutora de Ascenso Ferreira

Para conceber uma grande literatura e divulgar a sua linguagem, Ascenso escolheu a forma mais condensada de expressão verbal, que segundo Pound (2006) é a poesia, que por sua vez é também a forma mais lúcida e lúdica de brincar ou jogar com as palavras. Assim, “o poeta⁵ atende, por conseguinte, a imperativos da própria sensibilidade e da própria inteligência, seja ele lírico ou épico: “a obra arquitetada satisfaz às necessidades interiores do poeta (lírico ou épico, não importa), encarnadas no “demônio” que lhe fustiga a imaginação” (Moisés, 2000, p. 143), atijando o seu leitor, convidando-o a fazer parte da mesma fantasia e devaneio que, movidos pelo afeto, suscitaram a sua imaginação, nesse caso observemos o exemplo da poesia

⁴ Inspirado em Leyla Perrone-Moisés que escreveu “Promessas, encantos e amavios” em *Flores na escrivantina* (2006).

⁵ Segundo Baudelaire (apud Bosi, 2000:167): “O poeta goza desse incomparável privilégio de poder, à sua vontade, ser ele mesmo e outro”.

de Manuel bandeira: “Os poucos versos que aí vão, / Em lugar de outros é que os ponho. / Tu que me lêes, deixo ao teu sonho / Imaginar como serão”. (BANDEIRA, 2001, p.15-16).

Em se tratando de Acenso Ferreira, ressalta-se que sua poesia é uma mistura de sonho e realidade, não um sonho que termina ao abrir os olhos ou um devaneio diurno, mas como disse Gausson apud Chevalier e Gheerbrant (2008, p. 844): “símbolo da aventura individual, tão profundamente alojado na intimidade da consciência que se subtrai a seu próprio criador”, ou seja, a poesia, neste caso de Ascenso, permite uma relação diferente para cada leitor entre o sonho e a realidade que depende, em parte, da imaginação também individual para existir. Deste modo, as leituras e interpretações são diversas.

Para muitos leitores, a poesia não passa de um sonho. Para outros, de acordo com seus desejos (ou sonhos, como disse Bandeira), a poesia além de sonho, é realidade guiada pela imaginação, pois assim como disse Freud apud Chevalier e Gheerbrant (2008, p. 844): “a interpretação dos sonhos é a estrada principal para se chegar ao conhecimento da alma” e, sendo assim, a interpretação do poema-sonho-fantasia também é a estrada principal para se chegar ao conhecimento da poesia nele contida, e ao mesmo, atingir o entendimento entre o que de fato seria realidade e pára-realidade o que, por conseguinte, permitirá o entrelaçamento de idéias entre leitor e autor.

Então, a fim de estreitar ainda mais a relação entre a poesia de Ascenso e Bandeira, nada melhor que fazer uma breve analogia entre “Vou-me embora pra Pasárgada” deste e “Trem de Alagoas” (Vou danado pra Catende) daquele, mas não uma comparação de estética, posto que, ambos são modernistas e com isto, é possível encontrar uma grande semelhança na métrica, na linguagem, enfim.

Convém-se assim, criar uma “ponte” de construção de sentidos usando dois poemas:

Vou-me Embora pra Pasárgada⁶
 Vou-me embora pra Pasárgada
 Lá sou amigo do rei
 Lá tenho a mulher que eu quero
 Na cama que escolherei
 Vou-me embora pra Pasárgada
 Vou-me embora pra Pasárgada
 Aqui eu não sou feliz
 Lá a existência é uma aventura
 De tal modo inconsequente
 Que Joana a Louca de Espanha
 Rainha e falsa demente
 Vem a ser contraparente
 Da nora que nunca tive
 E como farei ginástica
 Andarei de bicicleta
 Montarei em burro brabo
 Subirei no pau-de-sebo
 Tomarei banhos de mar!
 E quando estiver cansado
 Deito na beira do rio

⁶Esta informação foi coletada no site http://www.releituras.com/mbandeira_pasargada.asp, no dia 24 de outubro de 2008.

Mando chamar a mãe-d'água
Pra me contar as histórias
Que no tempo de eu menino
Rosa vinha me contar
Vou-me embora pra Pasárgada
Em Pasárgada tem tudo
É outra civilização
Tem um processo seguro
De impedir a concepção
Tem telefone automático
Tem alcalóide à vontade
Tem prostitutas bonitas
Para a gente namorar
E quando eu estiver mais triste
Mas triste de não ter jeito
Quando de noite me der
Vontade de me matar
— Lá sou amigo do rei —
Terei a mulher que eu quero
Na cama que escolherei
Vou-me embora pra Pasárgada.

(Manuel Bandeira)

E Trem de Alagoas
O sino bate,
o condutor apita o apito,
solta o trem de ferro um grito, põe-se logo a caminhar...
-Vou danado pra Catende,
vou danado pra Catende
vou danado pra Catende
com vontade de chegar...

Mergulham mocambos
nos mangues molhados,
moleques mulatos,
vêm vê-lo passar.

- Adeus!

- Adeus!

Mangueiras, coqueiros,
cajueiros em flor,
cajueiros com frutos
já bons de chupar...

- Adeus, morena do cabelo cacheado!

-Vou danado pra Catende,
vou danado pra Catende

vou danado pra Catende
com vontade de chegar...

Mangabas maduras,
mamões amarelos,
mamões amarelos
que amostram, molengos,
as mamas macias
pra a gente mamar...

-Vou danado pra Catende,
vou danado pra Catende
vou danado pra Catende
com vontade de chegar...

Na boca da mata
há furnas incríveis
que em coisas terríveis
nos fazem pensar:

-Ali dorme o Pai-da-Mata!
-Ali é a casa das caiporas!

-Vou danado pra Catende,
vou danado pra Catende
vou danado pra Catende
com vontade de chegar...

Meu Deus! Já deixamos
a praia tão longe...
No entanto, avistamos
bem perto outro mar...

Danou-se! Se move,
se arqueia, faz onda...
Que nada! É um partido
Já bom de cortar...

-Vou danado pra Catende,
vou danado pra Catende
vou danado pra Catende
com vontade de chegar...

Cana-caiana,
cana-roxa,
cana-fita,
cada qual a mais bonita,
todas boas de chupar...

-Adeus, morena do cabelo cacheado!

-Ali dorme o Pai-da-Mata!

-Ali é a casa das caiporas!

-Vou danado pra Catende,

vou danado pra Catende

vou danado pra Catende

com vontade de chegar...

(Acenso Ferreira)

Percebe-se, então, nos dois poemas uma espécie de fuga (parece Romântico). No primeiro, o eu – lírico cria um lugar ideal para se viver. Para entender isto melhor, basta saber um pouco da biografia de Manuel Bandeira. É sabido que o mesmo não tinha tanta saúde e que, portanto, não pôde gozar de toda a felicidade que a vida poderia lhe dar. Tuberculoso, não teve o prazer de ter uma esposa, ou mesmo tomar banho de mar⁷. Talvez, nestes acontecimentos, ou seja, a busca pela liberdade vital, associado ainda, como disse Bosi (2006: 363), a ânsia pela liberdade estética, encontre-se a resposta para a criação de “Pasárgada”. Mas é certo que nem todas as respostas serão encontradas. Afinal, é literatura e os seus significados são múltiplos, quem sabe até, infindos.

Então, tem-se um eu lírico que ao tentar escapar dos seus problemas, idealiza um lugar onde viver, mesmo com exageros, não é perigoso. Em seguida, tem-se Ascenso, com o seu “trem”, cantando um mundo que agoniza, o mundo dos engenhos de fogo morto, das mulatas, das lendas folclóricas, sucumbido pela modernidade que se ergue. Observando por este viés, ambos escapam de lugares que já não lhe satisfazem, em busca de aprazimento. Porém, Bandeira cria um refúgio. Pasárgada é fantasia. Ascenso “escapole” para Catende e Catende existe.

Voltando ao dito anterior sobre “Pasárgada” e “Catende”, têm-se os múltiplos significados da Literatura. Recorre-se, então, mais uma vez, ao pensamento de Pound: a “Literatura é uma linguagem carregada de significados”, para dizer que para Ascenso esta linguagem “é também meio de sedução, é o próprio lugar da sedução.

Não por acaso, Ascenso passou de sonetos a versos desprovidos de títulos e doutrinas, embolados por um tom bem brasileiro e popular, carregados de melodia e uma força evocadora capaz de “assombrar” e ao mesmo, seduzir Seduzir? Sim, é tanto que escreveu *Catimbó*, sinônimo de feitiço e canjerê. Mas seus encantos não param por aqui. Perduram por *Cana Caiana* e *Xenhêném*.

Ascenso Ferreira visando estabelecer um diálogo mais ou menos vivo entre ele e o público, afim de que seu texto não pare ou finde ao término da escrita, escolhe palavras, como todo bom escritor que, combinem sonora e visualmente e que sua interpretação em conjunto não esteja de imediato clara em sua superfície. O poema exige uma leitura de olhos, ouvidos, sentido e entendimento da alma, e para que isto aconteça, as suas palavras devem ser mágicas, para somente assim, seduzir o leitor que, neste caso, também é autor, uma vez que constrói novos sentidos em cada leitura nova.

⁷ Esta informação foi coletada no site <http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20061124080545AAJ11qN>, no dia 24 de outubro de 2008.

Analisando por este prisma, “os poetas são sedutores porque foram “vítimas” de uma sedução primeira exercida pela própria linguagem” (PERRONE-MOISÉS, 2006, p. 14), sedução advinda da *outra voz*. Para comprovar esta percepção, uma estrofe de um poema encontrado em *Catimbó* (1995, p. 23-25):

Porque quero gozar o viço que no seu lábio estua!
Quero sentir sua carícia branda como um raio de lua!
Quero acordar a volúpia que no seio dorme...

Estes são versos de “Catimbó”, que como o próprio título sugere, falam de um feitiço realizado por Mestre Carlos para que Jurema, “a beleza que embriagou os meus sentidos”, passe a amar o eu – lírico. Mas a sedução não aparece por trata-se de um encanto, mas pela articulação das palavras que estão bem dispostas sonora e visualmente, além de bem dispor o seu significado. Fatalmente, as palavras são responsáveis pela sedução de um poema. “As palavras são diabólicas. Sozinhas já fazem o diabo; quando se juntam, então, nem se fale” (PERRONE-MOISÉS, 2006, p. 14).

É provável que se o leitor encontrasse os verbos “quero”, “sentir” e “acordar” sozinhos, eles nada representariam além do próprio sentido denotativo, mas associados aos termos “gozar o viço”, “sua carícia”, “a volúpia”, respectivamente, acabam sendo corrompidos por esta sedução. E mais: “O discurso do sedutor tanto pode consistir em dizer ao outro o que ele gostaria de ouvir, como em dizer exatamente o que ele tem horror de ouvir. O essencial é que haja uma promessa de linguagem” (PERRONE-MOISÉS, 2006, p. 16).

Desta maneira, se a linguagem é usada corretamente de modo a dispor de uma fantasia primeira, o leitor será seduzido, de modo a sair do caminho do real e ingressar em um “caminho simbólico”, como diz Perrone-Moisés (2006: 17), criado pela imaginação do autor, mas, para tanto, há a necessidade daquele sentir o desejo de ser enfeitado por este. Vale salientar que seja lá qual for a sedução, erótica ou poética, não é casual ou involuntária. Sedutor e seduzido precisam estar “disponíveis” para que ela seja bem sucedida (PERRONE-MOISÉS, 2006, p. 20) diz que: “O seduzido consente em ser enganado, e também engana o sedutor: porque este lhe oferece algo, e o que o seduzido quer e pega está ao lado; ele é presa não da mentira do sedutor mas da fantasia que lhe indica seu próprio desejo”.

Quando as palavras libertam-se das “correntes gramaticais” e adentram em um universo poético, passam a fazer parte de um jogo de sedução, tirando proveito de sua função lúdica, já referida, mas de maneira lúcida, a fim de desviar o leitor situado em determinado tempo para novas e instigantes realidades e como já disse Perrone-Moisés (2006), “desviar é seduzir”. O poeta entrelaça tão bem suas palavras em seu jogo de sedução que, mesmo que o leitor queira substituir por uma ou outra, ainda que seja com um significado semelhante, não terá brechas, uma vez que quebraria o sentido do texto. No entanto, os segredos da obra não estão apenas na beleza estética do discurso, mas nas entrelinhas:

Minha filha
Alva como uma hóstia consagrada,
macia como um floco de algodão!
Porém, chegando assim tão retardada,
tens o ar de uma hóstia consagrada
para um ato final de extrema-unção!
(1995, p.155)

O segredo desse poema vai além do léxico e suas associações. Se o título não estivesse presente e o leitor não conhecesse sua biografia, ficaria difícil entender as pistas deixadas por Ascenso Ferreira, uma vez que o

mesmo traz para o seu poema, vestígios de sua vida. O poeta, faz uso de um léxico coloquial, mas que ainda assim, por conta de sua organização sonora e de sentido, acaba enfeitado o leitor. Ou seja, “o escritor dá uma boa ajuda ao diabolismo⁸ da linguagem.” (PERRONE-MOISÉS, 2006, p. 14), isto é, cabe ao poeta, “resgatar” palavras que estão perdidas no cotidiano e que estão reduzidas ao uso denotativo e tentar esgotar as suas possibilidades de uso, conferindo-lhes um poder novo, poder de sedução.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se, então que, Ascenso Ferreira esteve aberto à sedução, bem como soube seduzir o seu leitor, usando esteticamente as palavras e dando a elas outro mundo de vivência que é o mundo artístico-literário como foi posto na primeira parte do trabalho. O poeta fez deste jogo um verdadeiro encanto, enfeitando os seus amantes com uma qualidade e sabor sem igual, assim, o amor por sua terra e por sua gente deu origem a uma poesia grande e imortal.

REFERÊNCIAS E BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- ARISTÓTELES. **Arte Poética**. São Paulo: Martin Claret Ltda, 2005.
- BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 43 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. 9 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**, com a colaboração de: André Barbault... [et al.]; coordenação Carlos Sussekind; tradução Vera da Costa Silva...[et al.] 22 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.
- FERREIRA, Ascenso. **Poemas de Ascenso Ferreira**. 5 ed. Recife: Nordestal, 1995.
- GOLDSTEIN, Norma. **Versos, sons, ritmos**. 14 ed. São Paulo: Ática, 2006.
- MOISÉS, Massaud. **A Criação Literária, Poesia**. 14 ed. São Paulo, Cultrix, 2000.
- NOGUEIRA JÚNIOR, Arnaldo. **Vou-me embora pra Pasárgada**. Disponível em: <http://www.releituras.com/mbandeira_pasargada.asp>. Acesso em: 24 out 2008.
- PAZ, Octavio. **A Outra Voz**. São Paulo: Siciliano, 1993.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Flores na Escrivania**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- POUND, Ezra. **ABC da Literatura**; organização e apresentação da edição brasileira Augusto de Campos; tradução de Augusto de Campos e José Paulo Paes - 11 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- RAMA, Ángel. **Literatura e Cultura na América Latina**. Flávio Aguiar & Sandra Guardini T. Vasconcelos (ORG); tradução Raquel la Corte dos Santos, Elza Gasparotto. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.
- ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. 19 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- VAINSENER, Semira Adler. Disponível em: <<http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20061124080545AAJ11qN>>. Acesso em: 24 out 2008.

⁸ O termo é aqui utilizado para expressar o poder “mágico” e “sedutor” que têm as palavras, principalmente, se se tratar de linguagem poética, ao passo que, segundo Massaud Moisés, o poeta é dotado de um demônio que lhe fustiga a imaginação.